Revista de Geografia (Recife) V. 39, Nº. 2, 2022

https://doi.org/10.51359/2238-6211.2022.254885

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia

UM CONVITE AO RESGATE DA GEOPOLÍTICA: O ATUAL CONFLITO RUSSO/UCRANIANO COMO PIVÕ

Alcindo José de Sá[1] - Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4464-6183

[1] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Brasil*

Artigo recebido em 18/08/2022 e aceito em 18/08/2022

RESUMO

O presente texto tem como objetivo fazer uma análise crítica da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, ora em andamento. Para tanto, inicialmente, buscamos situar no tempo e no espaço a feitura histórica da Geografia Política e da Geopolítica dos seus territórios, ou seja, seus atores sociais, estruturas, processos funções e formas, como ressalta Milton Santos (1985), até desaguar no período Histórico atual lastreado pelo conflito, com ingerência global e, ainda, sem um vislumbre de acordo e paz. Como reforço ao entendimento dos territórios beligerantes, lançamos mão de aportes teóricos e metodológicos de geógrafos e não geógrafos estudiosos do, hoje, espaço russo/ucraniano. Serão relevados aspectos culturais, geográficos, históricos, políticos e econômicos de povos e suas diversificadas nações (por exemplo, Rus, Mongóis, Cossacos, etc.), no medievo e na modernidade capitalista, bem como suas lutas e conflitos que, historicamente, esquadrinham, dividem e fragmentam territórios, no bojo de suas estratégias geopolíticas. A feitura da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no pós Segunda Guerra Mundial e a Ucrânia como parte de seu território; a derrocada em 1989 da URSS, a "independência" da Ucrânia, o fortalecimento da OTAN e ingerência política mundial dos Estados Unidos, são eventos formatadores de um "novo mapa do mundo tecnólotra", geograficamente cada vez mais fragmentado, e prenhe de novas estratégias geopolíticas, nas quais se encaixam o conflito russo/ucraniano.

Palavras-chave: Geopolítica; conflito Russo; Territorialidade.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: alcindo-sa@uol.com.br

AN INVITATION TO RESCUE GEOPOLITICS: THE CURRENT RUSSIAN/UKRANIAN CONFLICT AS A PIVOT

ABSTRACT

The present text aims to make a critical analysis of the war between Russia and Ukraine, now in progress. To do so, initially, we seek to situate in time and space the historical making of Political Geography and Geopolitics of their territories, that is, their social actors, structures, processes, functions and forms, as Milton Santos (1985) emphasizes, until it flows into the current historical period backed by conflict, with global interference and, still, without a glimpse of agreement and peace. In order to reinforce the understanding of the belligerent territories, we made use of theoretical and methodological contributions from geographers and non-geographers who are currently studying the Russian/Ukrainian space. Cultural, geographical, historical, political and economic aspects of peoples and their diverse nations (for example, Rus, Mongols, Cossacks, etc.) , divide and fragment territories, in the midst of their geopolitical strategies. The making of the former Union of Soviet Socialist Republics, after the Second World War and Ukraine as part of its territory; the collapse of the USSR in 1989, the "independence" of Ukraine, the strengthening of NATO and the global political interference of the United States, are events that shape a "new map of the technolotra world", geographically increasingly fragmented, and pregnant with new strategies. geopolitics, in which the Russian/Ukrainian conflict fits.

Keywords: Geopolitics; Russian conflict; territoriality.

1. Alguns fundamentos teóricos/conceituais da Geografia e da Geopolítica como base ao entendimento dos conflitos de domínio sócio/territoriais ao longo do processo histórico

De maneira sempre pertinente, P. George (1993) nos brinda com o seu livro seminal sobre os propósitos e a natureza da Geografia, "O Homem na Terra: a Geografia em ação", corroborando que essa área do conhecimento, seja nos seus aspectos físicos ou humanos, só faz sentido pela ação humana socialmente organizada, em comunhão com o mundo físico, já que este, dotado do quente e do frio, dos altiplanos ou planícies, latitudes ou longitudes, formatam biomas que permeiam as dinâmicas sociais, territoriais e culturais. Nesta mesma obra, também fica patente que o processo histórico da humanidade, em especial a partir da ascensão do capital mercantil, ou seja, do acasalamento do "dinheiro e da razão" (SÁBATO, 1993), cambia o espaço terrestre e seus recursos não mais em ilhas sócio-territorias dinâmicas, mas em um cosmos (assemelhando-se ao sentido grego de Kósmos), termo tradutor de beleza, ordem, no caso, talvez, não a beleza, mas a ordem da unidade impositiva do nascente sistema capitalista e seus modos de organização (a imposição dos sistemas organizacionais e "sintagmáticos" de poder, como as escalas dos territórios coloniais e, depois,), enfim, de um universo (uno e diverso), sob a nova labuta da racionalidade técnica e instrumental, no lastro da acumulação simples e, posteriormente, ampliada do capital. Ainda nos ancorando em P. George (1993), E. Sábato (1993), Z. Bauman (1997), com a entronização do universo pautado na racionalidade técnica, esta perpassa tanto o mundo da tecnociência ao mundo político, pois as

demandas da pré-modernidade do capital mercantil e posterior modernidade do Estado industrial e mercadológico:

> Ao longo dos séculos XVIII e XIX, propagou-se, finalmente, uma verdadeira superstição da ciência, o que é bastante singular porque equivale a dizer que se desencadeou a superstição de que não se deve ser supersticioso. Mas era inevitável: a ciência se havia convertido em uma nova magia e o homem de rua mais acreditava nela quanto menos a compreendia. (SÁBATO, 1993, p.53).

Na política, na "pré-modernidade" (em especial no século XV), já temos a influência calculista e "Maquiavel é o engenheiro do poder estatal. Impõe-se uma concepção dinâmica e inescrupulosa, que não reconhece honra, nem direitos de sangue, nem tradição" (IDEM, pp.33-34). Enfim, neste ínterim, o Renascimento e seus Iluminados iluministas, filósofos, juristas e demagogos, como ressalta José Ortega y Gasset (2002), passaram a pensar e ditar comportamentos "humanos" morais, que se tornavam padrões éticos, quando dos seus enquadramentos em leis, de acordo com as emergentes elites econômicas capitalistas, a abstração total do trabalho e produtos pelo dinheiro, a dissolução das Cidades-Estados em emergentes Estados absolutistas nacionais, lastro para as posteriores democracias republicanas (ZIGMUNT BAUMAN, 1997). Com efeito, desponta o inescrupuloso sufocamento do homem histórico, potencialmente dotado de "razão e emoção", perdurando no Estado Nacional moderno do capital industrial, uma ética cega do trabalho, mote à crescente acumulação ampliada do capital, através da exploração e extração da mais-valia absoluta e relativa. Hoje, sob o jugo do globalismo "tecnólatra", o espaço/tempo do referido Estado, vem sofrendo um processo de superacumulação, por intermédio da negação de direitos trabalhistas primários, uma precarização crescente do trabalho, e a profusão de um capitalismo técnico, científico e informacional. Resgatando E. Sábato,

> [...] os patrões, ou o Estado Patrão, buscaram a forma de aumentar o rendimento mediante a densificação do labor humano: cada segundo, cada movimento do operário, foi aproveitado ao máximo e o homem finalmente se convertera em uma engrenagem a mais no grande mecanismo capitalista ou estatal. (E. SÁBATO, 1993, p.59)

Neste contexto, em especial com a ascensão do Estado moderno ao longo Século XX, solidifica-se o capitalismo e todas as suas ramificações que lhe dão sustentáculo: as relações sociais dissimétricas, a divisão espacial e social do trabalho, a imposição crescente da "tecnociência", crescentemente dividida em áreas compartimentadas (economia, química, física, matemática, estatística, medicina, etc). Afinal, a sede de acumulação ampliada pelo capital, passou a demandar a transformação de toda matéria física, ou não, em mercadoria e, como lastro, exigia o aprofundamento da "mão de obra ciência", menos ou mais dotada de informação, ou seja, racionalizada, especializada, matematicizada, bem como novos territórios. Sendo assim, indagamos: como situar o conhecimento geográfico, ou a

ciência geográfica, já que a mesma, resgatando uma assertiva de um não geógrafo, ou melhor, de "filósofo de cunho geográfico"

> [...] o homem não é um simples objeto físico, desprovido de alma; nem mesmo um simples animal: é um animal que não só tem alma, mas espírito, e o primeiro dos animais que modificou seu próprio meio por obra da cultura. Como tal, é um equilíbrio - instável – entre seu próprio soma e seu meio físico e cultural" (SÁBATO, 1993, p.54)

Sendo assim, a ciência geográfica como destaca R. Rossi (1996), e M. Santos (1996), é ciência e filosofia, pois as mesmas buscam sempre a unidade explicativa dos fenômenos na sua complexidade, isto é, fenômenos socioespaciais que abarcam a busca de um equilíbrio instável de seu meio físico e cultural. É uma "especialização" que não pode abdicar de seu caráter trans e multidisciplinar, pois como nos aponta P. George 1993), ela tem um caráter de "arquivista do patrimônio" territorial e humano, historicamente trabalhado, com o fito maior de "apontar tendências". R. Kaplan (2013, pp. 62-63), tecendo uma crítica às proposições de Morgenthau, de que a Geopolítica não passava de uma "pseudociência" por converter o fator geográfico em um absoluto, advoga que H. Mackinder "possuía, claramente um dom. O mote do conjunto de sua obra era que a Geografia é a resposta do generalista à especialização acadêmica". Assim, se as especialidades científicas, como a medicina, que se subdivide em micro especialidades, como endocrinologia, dermatologia, etc., a Geografia, na busca de uma maior clareza dos fenômenos socioespaciais, como ressalta M. Santos (1996), com o alvorecer de uma história empírica da unicidade técnica/informacional, do motor único da economia em rede, da moeda única real e virtual, da comunicação instantânea na cidade e no campo, necessita, também, das suas subespecialidade como a geografia urbana, agrária, econômica, dos serviços, climatologia, biogeografia, geomorfologia etc., com vistas ao melhor entendimento de cada evento, cada acontecer em um recorte territorial geográfico. Em se tratando da Geopolítica, no período histórico atual, a mesma tem despontado com vigor.

Mas, porque o reflorescer da geopolítica, aliás, uma subespecialidade da Geografia? A resposta parece recair na própria "geografia em ação", sob a dinâmica do processo histórico/social, particularmente nesse início de milênio, em que a economia global, estruturada espacialmente em blocos econômicos, Estados-Nações e suas organizações produtivas, comerciais e financeiras, advogam status de "Impérios", dentro de um novo mapa do mundo. Este, recortado por uma nova divisão espacial e social do trabalho, seja pelo domínio econômico técnico/científico, pela razão instrumental (países dominantes dos hardwares e softwares) seja por esses mesmos valores e recursos naturais, os dotados quase por esses recursos e os países "marginais". É este mapa sempre instável que, segundo R. Kaplan:

> [...] nos conduz a um renascimento nas ideias sobre geografia. Isso especialmente pelo fato de que a geografia é o próprio fundamento da estratégia e da geopolítica. Estratégia, tal como definida por Napoleão, é a arte de fazer uso militar e diplomático do tempo e do espaço. A

> geopolítica consiste no estudo do ambiente externo com que cada Estado se depara ao traçar sua própria estratégia – ambiente que envolve a presença de outros Estados, também lutando pela sobrevivência e por vantagens. (R. KAPLAN, 2013, p.62)

Em suma, a geopolítica é a influência da geografia sobre as divisões humanas, e, portanto, conhecer a geografia de uma nação (narcor, nascere, ninhada, divisões humanas nascidas juntas) (M. CHAUÍ, 2000) e seu Estado [no caso Moderno] é conhecer sua política externa, ou de convivência harmônica, ou de ambições gregárias de outros territórios nacionais. Isto porque a geografia, como fruto dos enquadramentos humanos/territoriais, nos planos naturais, econômicos, culturais e estratégicos, como ressaltado, seja na escala dos Estados-Nações, blocos econômicos supranacionais, em sua maioria, são dotados de geopolíticas, isto é, de estratégias como arte "de fazer uso militar e diplomático do tempo e do espaço", afinal, como ressalta P. Freire (1987), o homem faz história, temporalizando os espaços geográficos.

2. O reflorescer da Geopolítica no período histórico atual e a guerra entre Rússia e Ucrânia como reflexo

Ora, o que estamos vivenciando no tempo presente, são conflitos geopolíticos de grande monta, que podem resvalar para caminhos ou descaminhos ainda mais nefastos para a humanidade. Os EUA, com as suas eternas políticas imperialistas, são um claro exemplo. Os seus limites/fronteiras, desde a sua formatação como Estado-Nação, parecem não ter limites. Depois da dominação do seu Oeste, dizimando os povos nativos, comprando territórios, como o Alasca, ou dominando outros pela força, como o território do Texas, estendendo-se depois para a Califórnia, Nevada, Utah e Novo México, ainda hoje se arroga no direito, em nome da profusão dos valores democráticos, de invadir e anexar tanto o Iraque (em 2003, alegando que mesmo possuía armas químicas), quanto o Afeganistão (em 2003, advogando desmantelar o terror do grupo Al-Qaeda com vínculos aos Talebãns), ou dando grande suporte de guerra na derrocada do governo Líbio (com a queda do ditador Muamar Kadhafi, em 2011), além dos apoios estratégicos/militares à OTAN, e às suas inúmeras bases fixas e móveis, instaladas na Europa, países orientais do Pacífico e na maioria dos territórios Nacionais da América Latina. E o "Império" americano faz esse tipo de geopolítica, por conta da influência geográfica sobre as divisões humanas. Afinal, a sua engrenagem econômica/territorial, pautada na tecnociência e informação, demanda matéria e recursos naturais mercadológicos, que extravasam os seus limites fronteiras tradicionais. Nos moldes da atualidade, é um país que adota uma geopolítica que, no contexto da nova divisão social e espacial do trabalho, subjuga diversas divisões humanas, por influência das riquezas de suas geografias. Portanto, merece destaque a assertiva de C. Raffestin (1993, pp.18-19), segundo a qual:

> Com a Geopolítica, cujo nome se deve a Rudolf Kjellen, prepara-se a mundialização do Estado. A Primeira Guerra Mundial não é estranha a esse controle total do Estado. Julien Benda teve boas intuições e analisou o que se tramava: 'A guerra política, que implica a guerra entre culturas, é uma invenção própria do nosso tempo [o tempo do capitalismo da tecnociência, do homem coisa subjugado a megamáquina do mercado e do Estado], o que lhe assegura um lugar insigne na história moral da humanidade'...Esta observação, escrita em 1927, mostra com clareza que o Estado estava em vias de ocupar todo o espaço disponível...É evidente que, com o aparecimento da geopolítica, estamos lidando com uma ciência do Estado, concebido como um organismo geográfico em constante movimento. É o jogo sem vencedores dos Estados do século XX que começa. (C. RAFFESTIN, 1993, pp.18-19)

As assertivas acima continuam em plena ebulição, já que o Estado moderno, como uma instituição, dotada de organizações mutantes, divide, compartimenta, esquadrinha territórios, abarcando todo o espaço terrestre disponível, numa guerra política que envolve organizações econômicas, políticas e militares com estratégias e geopolíticas desiguais. A prova mais cabal dessas premissas é o que estamos presenciando, no atual momento histórico, com as pressões estratégicas e diplomáticas da Rússia, sobre a Ucrânia, em busca de um domínio político/territorial sobre o seu espaço nacional, evento ocorrido, de forma concreta, com a intervenção militar em 2014, quando anexou a península da Criméia, situada na região sul da Ucrânia. Como já ressaltado por C. Raffestin (1993, p.19), "é o jogo sem vencedores, dos Estados do Século XX que começa", melhor dizendo, dos Estados Imperiais pós-modernos, sem um desfecho nunca previsível. Não esqueçamos de ressaltar que a Ucrânia, quando da ascensão e domínio do Império Soviético, fazia parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), desde após a Segunda Guerra Mundial. Com solos bastante férteis em 65% do território, a agricultura sempre exerceu um importante papel na sua economia, além da indústria e mineração e ainda, sob o domínio da URSS, grande produtor de energia nuclear, fato demonstrado com a catastrófica explosão do quarto reator nuclear de Chernobyl, em 26 de abril de 1986. Hoje, a geopolítica Russa tem ambições sobre esse território, não somente por conta desses recursos, mas intenta seu domínio, alegando as interesses militares dos países da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) em montar bases militares nas suas fronteiras, quando na verdade, é a influência geográfica das divisões humanas, em especial, o interesse Russo militar e econômico, já que é pelo território Ucraniano que escorre, parte substantiva do abastecimento de gás natural (ver figura adiante), não somente para esse país, como para grande parte da Europa, em especial a Alemanha. Aliás, por ser um país continental, o grande dilema geopolítico da atual Rússia, é a criação de uma divisão humana que forje uma geografia favorável à sua descontinentalidade. Esse é o traço marcante da sua história, daí a necessidade de fazermos mais algumas digressões históricas sobre geopolítica.

3. Um Pequeno Resgate de alguns Geopolíticos Clássicos e Atuais e o contexto Eurasiano

Para R. Kaplan (2013, p.64), Halford J. Mackinder, é o pai da geopolítica moderna, tendo como marco, para tanto, não uma extensa obra, mas um artigo singular, intitulado "*The Geographical 312ivoto f History*", ou "O Pivô Geográfico da História", publicado no *The Geographical Journal* de Londres, em abril de 1904. A tese central da obra recai na assertiva de que a Ásia Central, faz parte constituinte do *Heartland* eurasiano, geografia "pivô" que irradia fatores constituintes de grandes impérios mundiais, já que "a própria disposição natural das artérias da Terra, entre cordilheiras e vales, estimula a ascensão de impérios, declarados ou não, em vez de Estados" (IDEM, p.64). Para R. Kaplan, antes do aprofundamento desse conceito, com a exigência de redefinições, na busca de iluminar a atual geopolítica, cabe aludirmos que H. Mackinder têm as suas conclusões embasadas na história e "os padrões de assentamento humanos em sua totalidade, é o arquétipo da disciplina geográfica, recordando as obras de Herôdoto, Ibn Khaldun."

Como escreve H. Mackinder (IN R. KAPLAN, 2013, pp.64-65), "é o homem, e não a natureza, que inicia, mas é a natureza, em grande medida, que controla". Neste prisma, ele alega que no medievo, sob o confinamento territorial em uma região estreita e sob a "ameaça da barbárie exterior" e uma cristandade atávica a esses microcosmos, com a ascensão do capital mercantil, que ele denomina de era colombiana, dos grandes descobrimentos ameríndios ou não, a Europa se dilata e penetra em outros continentes. Desde então, a era "pós-colombiana" mais uma vez força a geopolítica "a lidar com um sistema político fechado", isto é, o território do "escopo mundial". Um século depois, Z. Bauman (2006), com outras terminologias, advoga que no alvorecer do capital mercantil, e mesmo do capital industrial, o mundo extra Europa Ocidental, passou a "acolher" os desolados e marginalizados de um sistema econômico e político capitalista que já nasceu excludente. Hoje, esse escopo mundial de uma economia global, está cada vez mais cheio, precarizado, eliminatório, supressivo, aberto para a circulação das mercadorias, mas fechado para a maioria dos homens "marginais e excedentes". Segundo R. Kaplan (2013, p.65), por conta desse preenchimento do mundo, os Estados europeus não apenas passaram a se digladiar entre si, como também muitos Estados Impérios começaram a travar guerras em escala mundial, a exemplo da Primeira e Segunda Guerras mundiais. Pois, como já ressaltado, se o homem faz história temporalizando os espaços geográficos, então esses espaços, na ótica da sanha do capitalismo hoje" tecnólatra", exigem que a natureza seja controlada e manipulada, sendo o lastro das estratégias e das geopolíticas do mundo contemporâneo. Não devemos esquecer, como já relatado por P. George (1993), que a geografia abarca no seu escopo epistêmico, base analítica dos fenômenos espaciais do meio geográfico, como um arquivista do patrimônio dos processos históricos, estruturas, processos e conteúdos sociais dinâmicos (M.

SANTOS, 1985, 1988) que "falam" (E. CARNELL, 1998), pois é através desses elementos que a geografia e a geopolítica apontam tendências, função precípua da referida área do conhecimento. Para Raffestin (1993, p.21),

> [...] houve, e ainda há uma inegável tentação planetária na explicação da geografia política. Conhece-se a fórmula sintética de Mackinder: 'aquele que detém ao World Island (Europa, Ásia, África) comanda o mundo'. Essas visões prenunciativas da geopolítica, apesar do seu caráter pré-científico – no sentido de que não se apoiam em conceitos explicitados, não deixaram de seduzir. (C. RAFFESTIN, 1993, p.21)

Como enunciado acima, a história é um processo dinâmico e cheio de incertezas, não nos preocupando se uma determinada tendência histórica é ou não científica. Neste ínterim, H. Mackinder (APUD KAPLAN, 213, pp.65-66) advoga que a história europeia é "subordinada a da Ásia", já que a civilização europeia é fruto dos embates contra a invasão asiática. Ele alega que o "fenômeno cultural europeu", em grande medida, é uma dádiva de sua geografia,

> [...]um intrincado conjunto de montanhas, vales e penínsulas (a partir dos quais as nações individuais nasceriam) confrontado com a imensa e ameaçadora planície russa a Leste – esta dividida entre as florestas, ao Norte, e as estepes, ao Sul. (IDEM, p.66).

Nessa cultura europeia, o homem "submerge nos valores espirituais, transcende o mundo terreno e só vive para Deus: o dinheiro e a razão migram para melhores territórios [estratégicos], refugiando-se em Bizâncio no império mulçumano, entre os judeus" (E. SÁBATO, 1993,p.26). Daí, durante quase seis séculos, pós-derrocada do império romano, a referida cultura ter renunciado ao potencial das "primícias" do pensamento, da matéria e a subjugação do espírito moderno. O referido pensador, ainda nos alerta que é difícil precisar o alvorecer, de um momento histórico revolucionário, pois se entrecruzam muitas temporalidades, ou seja, é mais coerente "tomar o fato em sua totalidade, como uma estrutura fechada". Nesta perspectiva, o supracitado autor advoga que é ainda na Idade Média [em especial] das Cruzadas [uma cria do capital mercantil], que o Ocidente se atenta para a revolução "moderna". (IDEM, pp.26-27). Enfim, uma série de eventos complementares, em que, para E. Sábato (1993), há uma coisa em comum: as forças basilares da razão e do dinheiro.

Diante do exposto, nos indagamos: porque mais essas digressões históricas que, queiramos ou não, são frutos de estratégias ou de geopolíticas, mesmo tendo C. Raffestin (1993), tratado como abordagens pré-científicas, já que não se encaixam em parâmetros nomotéticos, isto é, com precisões racionais matemáticas? Ora, em se tratando de um processo geopolítico/histórico, temos de considerar, repetindo R. Kaplan (2013), que a geografia é o próprio fundamento da estratégia e da geopolítica; e como o homem faz história, temporalizando os espaços geográficos, mirando-nos no conflito bélico atual entre a Rússia e Ucrânia, tendo este país a salvaguarda da OTAN e EUA, só podemos compreender esse fenômeno se abarcarmos como um fato na sua totalidade; com as suas diversas

temporalidades. Assim posto, segundo R. Kaplan (2013, p.66), no medievo, em confronto com a cultura do mundo europeu e sua intrincada geografia de montanhas, vales e penínsulas, desponta:

> A imensa e ameaçadora planície russa a leste – esta dividida entre as florestas, ao Norte, e as estepes, ao Sul. As primeiras encarnações da Polônia e da Rússia estabeleceram-se, como explica Mackinder, inteiramente no seio do abraço protetor da floresta setentrional; pois das estepes nuas ao Sul emergiu, do século V ao XVI, uma sucessão de invasores nômades: hunos, ávaros, búlgaros, magiares, calmucos, cumanos, pechenegues, mongóis, entre outros. Afinal, nas estepes do *Heartland*, o terreno é interminavelmente plano, o clima é inóspito e a vegetação limita-se a gramíneas, estas, por sua vez, destruídas pela areia, soprada pelos fortes ventos. Taís condições deram origem a homens de uma estirpe inclemente e cruel, que tinham de eliminar prontamente os adversários com que se deparavam se não quisessem ser eles mesmos destruídos, visto que não havia meios melhores de defesa neste ou naquele ponto. (R. KAPLAN, 2013, p.66)

Assertivas pertinentes, pois como nos assevera E. Sábato (1993), os grandes recortes, ou bruscas mutações históricas, são estruturadas por miríades de eventos. Seguramente o "sítio" geográfico fundador Russo, juntamente às forças humanas que dinamizaram os mesmos, foram de singular importância. Daí Mackinder alegar que a Europa é um fruto, também, da Eurásia, pois como acrescenta R. Kaplan (2013, p.66):

> Foi a união das províncias francos, godos e romanos contra esses [bárbaros] asiáticos que lançou a pedra angular da França moderna. Do mesmo modo, Veneza, o papado, a Alemanha, a Áustria, a Hungria e outras florescentes potências europeias, todas se originaram, ou ao menos amadureceriam, do ameaçador encontro com os nômades [em especial mongóis] das estepes asiáticas. (R. KAPLAN, 2013, p.66)

Sem esquecer, como também frisado por H. Mackikinder, as grandes descobertas colombianas, fruto do acasalamento do dinheiro e da razão, isto é, do capital mercantil e seu esteio dos nascentes Estados Impérios.

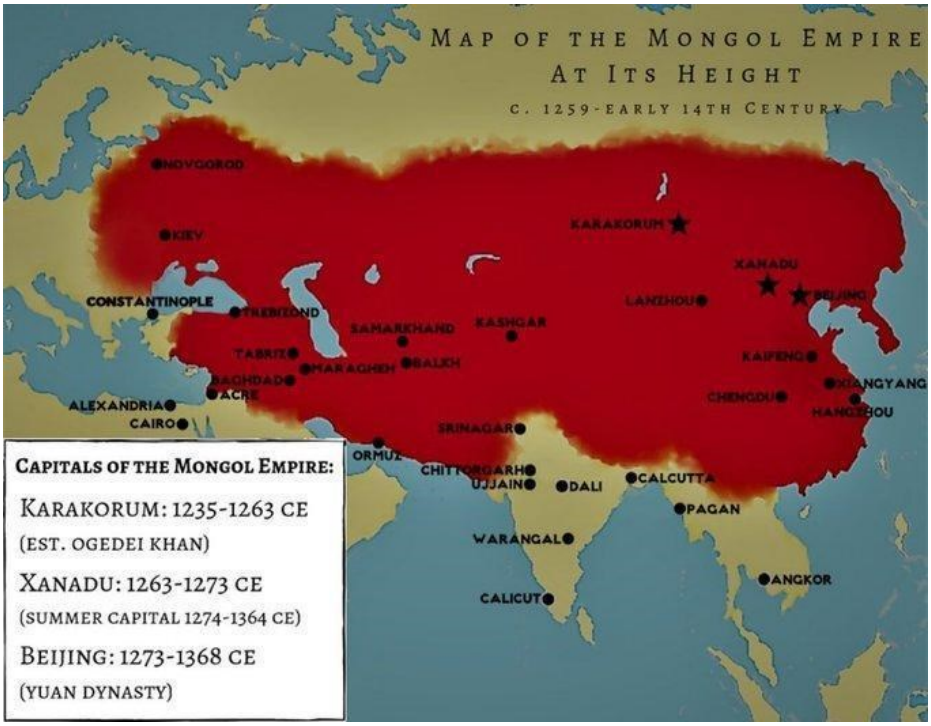
Mas para H. Mackinder (in R. Kaplan, 2013, pp.66-67), mesmo a Rússia estando "resguardada" de bandos, tropas, ou mesmo exércitos, sob as clareiras nas suas vastas florestas setentrionais, no século XIII caiu presa sob o jugo "da Horda dourada dos mongóis". Esse importante acontecer sócio-territitorial/cultural impediu o acesso russo ao Renascimento, marca registrada que lastreou todo o resgate dos valores culturais clássicos. Todavia,

> [...] é falso afirmar que o 'Renascimento' é uma volta à antiguidade. A história não volta jamais. O que há é um retorno de certas características do espírito greco-latino, em que também havia sido um espírito cidadão, o produto de uma cultura de cidades. Isto é, uma civilização. (E. SÁBATO, 1993, p.35)

Nesse sentido, o resgate da laicidade, da individualidade, do nu, da racionalidade matemática, enfim, da democracia, princípios basilares da ascendente burguesia, calcada no dinheiro e na razão. Portanto, negado à Rússia, pelos mongóis, a participação nesse importante marco histórico, os russos ficariam para sempre marcados pelos mais amargos sentimentos de inferioridade e insegurança. Na figura

abaixo (**Figura 1**), podemos ter uma dimensão cartográfica da gigantesca influência mongol e, seguramente, o temor e a insegurança que permeou a feitura do Império Russo.

Figura 1: Mapa do Império Mongol



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/DrEricDing/status/1496122124859318272?fbclid=IwAR2YkKlyVkujHfYZ99pKgZXhEQUXWGkSCy_D7qxy1D8YualOtr-OXs3zkic> Acesso em: 10 de Julho de 2022.

Ultimo império baseado em terra firme, sem outras barreiras naturais contra invasões além da própria floresta, a Rússia jamais esqueceria como era ser um objeto de uma conquista brutal, o que a tornaria para sempre obcecada pela necessidade de expansão e incorporação de territórios, ou no mínimo, de domínio das zonas de sombra contíguas (R. KAPLAN, 2013, p.67).

Ainda nesse contexto, enquanto a Europa Ocidental espraiava seus navios e conquistas pelos oceanos, a Rússia também avançava sobre domínios de novos territórios continentais eurasianos emergindo de suas florestas setentrionais, tendo como retaguarda o policiamento de cossacos sobre as estepes antes dominadas por nômades mongóis. Assim sendo, enquanto "marujos" ingleses, portugueses, holandeses, espanhóis, dobravam o Cabo da Boa Esperança, o Estreito de Magalhães e invadiam as Américas, destruindo suas culturas e se apoderando das suas riquezas, "a Rússia avançava sobre a Sibéria e enviava camponeses para lavrar campos de trigo nas estepes a Sudoeste, dando a volta no mundo iraniano islâmico" (IDEM, p.68). Ainda segundo as premissas de Mackinder,

> [...] a centralidade de uma Rússia expandida no princípio do Século XX, tomaria lugar daquelas hordas mongóis que, alguns poderiam alegar, exerceram o maior impacto sobre a História do mundo durante o segundo milênio. Assim, como os mongóis bateram às portas -

> e não raro as derrubaram - das regiões marginais da Eurásia (Finlândia, Polônia, Turquia, Síria, Iraque, Pérsia, Índia e China), Rússia agora faria o mesmo, apoiada na coesão de sua massa de terra, conquistada graças ao recente desenvolvimento de suas ferrovias. (APUD KAPLAN, 2013, p.69)

Ou porque não dizer, de sua geopolítica de domínio continental. Seguramente o que estamos vivenciando, na atualidade, no tocante a invasão da Ucrânia, é essa obsessão Russa, depois da queda União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1989, de incorporar, ou manipular geopoliticamente as suas ”zonas territoriais de sombra”, ou de domínios contíguas, quando do Império “socialista”, como no caso específico. Afinal, como nos alerta R, Kurz, (2015, p. 43):

> Depois do colapso da União Soviética e do fim da ´modernização recuperadora´[a ascensão plena do neoliberalismo] no contexto da crise da terceira revolução industrial não há regresso aos velhos conflitos intraimperialistas entre as potências expansionistas nacionais. Em vez disso, assistimos à padronização da *Pax americana* no contexto de um precário capitalismo minoritário caracterizado pela economia das bolhas financeiras e de saque. É ridículo falar-se de uma nova concorrência entre os Estados Unidos e a RFA ou a União Europeia. (R, KURZ, (2015, p. 43)

Como apontadores de tendências, por possuírem os territórios historicamente usados como arquivos patrimoniais, nós, geógrafos podemos asseverar que, a despeito dos avanços econômicos e tecnocientíficos da China, e das grandes riquezas minerais, agrícolas, tecnocientíficas e nucleares, da Rússia, evidencia-se que, seja na comissão de frente, ou nos bastidores com seus parceiros da EU, os Estados Unidos, com seu poderio econômico, tecnocientífico, atômico e militar espraiado por todos os recônditos do mundo, geopoliticamente, para o bem ou para o mal, têm ditado as novas formatações no jogo de xadrez do novo, ou novidadeiro mapa do mundo. Que corroborem as invasões militares diretas e indiretas, mais recentes, dos EUA no Iraque, Afeganistão, na Síria, além das suas “guerras” indiretas como o apoio à derrocada do governo líbio, Somália, etc., o “eterno” boicote econômico a Cuba, Venezuela e, agora, junto aos seus aliados da EU, fechando um cerco total financeiro e econômico à Rússia. Quando não podem abrir as torneiras das fontes petrolíferas à força ou de gás, além de outros recursos minerais, no lastro das redes informacionais, fecham-se os escorregadios e “líquidos” mundos das finanças, pondo nações inteiras e sua população, como “vidas desperdiçadas”

Mas, a propósito, porque a Ucrânia, ex-República Soviética, desponta como pivô de um conflito e sendo, para muitos alarmistas da mídia pró-países da OTAN e EUA, um risco a uma terceira guerra mundial? Segundo instigante artigo publicado na BBC News Mundo (2022)[*], assim como outros

[*] Ver artigo da BBC NEWS MUNDO publicado em 27 de fevereiro de 2022, titulado **“Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia”.** Disponivel em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234?at_campaign=64&at_custom4=077FAB98-9818-11EC-BA01- E53C3A982C1E&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_medium=custom7&at_custom2=facebook_page&at_custom3=BBC+Brasil&fbclid=IwAR3PRfHL3WTX5G9f-XqIaZNDUwsYrHiBeJJ0acie8vRxwNUv0U7BmFjoubI

países fronteiriços, Rússia e Ucrânia têm laços históricos e culturais comuns e diferentes que, tanto os unem quanto separam. Em comum, uma herança que remonta o século 9, quando Kiev, hoje capital da Ucrânia, foi a centralidade do primeiro Estado eslavo, fundado por um povo "autodenominado rus". A partir deste grande Estado Medieval, que alguns historiadores chamam de "Rus de Kiev", nasceu o que hoje é a Ucrânia e a Rússia, tendo esta última, como capital, Moscou, surgida no século 12, com peso cultural forte. Para se ter idéia, até hoje, a religião professada era, e ainda é, a cristã ortodoxa, "instituída em 988 por Vladimir I de Kiev (ou São Vladimir Svyatoslavich"), que firmou o reino Rus, no hoje território englobante dos espaços da Belarus, Rússia e Ucrânia, estendendo-se até o Mar Báltico, e tendo como dialetos predominantes o ucraniano, o russo, e o bielorrusso. Por conta desse passado comum, o Presidente Putin advoga que "os russos e ucranianos são um povo, um único todo", muito embora muitos especialistas em estudos ucranianos, como o Prof. Inglês Andrew Wilson, da Universidade College Lodon, enxergue a Ucrânia como um território identitário mais parecido a um quebra-cabeças dinâmico, "do que como uma unidade estanque".

Formando esse complexo território, no século 13 o Império Mongol dominou a federação de principados de Rus. Sequenciando, no século 14, com a derrocada do supracitado Império, o território Ucraniano foi dividido entre o Grão-Principado de Moscou e o Grão Ducado da Lituânia (que mais tarde se juntou a Polônia), que se aproveitaram do declínio do Império mongol para estenderem seus domínios territoriais. Assim, Kiev e territórios adjacentes ficaram sob o domínio da Comunidade Polaco-Lituana, deixando esta região, mais a Leste da Ucrânia, sujeitas a influências ocidentais nos séculos seguintes, a exemplo da contrarreforma (resposta da igreja católica à Reforma Protestante), bem como o Renascimento, já descrito no presente texto. Podemos destacar que essa Galícia [Região autônoma espanhola] dos Cárpatos [espaço de 1500 km, situado ao longo das fronteiras da República Checa, Eslováquia, Polônia, Romênia] e Ucrânia, no lado Oeste (considerando a posição russa), também ficou politicamente subjugada, por um longo período, pela dinastia dos Habsburgo, por guiarem os Impérios Austríaco e Autro-Húngaro. Ainda merece destaque o fato deste território ucraniano ainda adotar como religião, crença e fé os preceitos da Igreja Greco-Católica Ucraniana, e mesmo outras igrejas orientais católicas "que realizam seus ritos em ucraniano e reconhecem o papa como chefe espiritual" (ver **Figura 3** adiante). Não por acaso, é justamente esse território, a Leste da Ucrânia, (Oeste da Rússia) que se fixam a população mais afinada à cultura europeia e que, em certa medida, forçou o conflito beligerante com a Rússia, já que esse país, geopoliticamente, não admite perder algumas de suas zonas territoriais de sombra, ou de domínios contíguos e, desgarrados, quando da derrocada do Império socialista (URSS), mas hoje, restrito ao imenso espaço Russo capitalista "oligarca". Claro, sem contar as ambições da OTAN, com vistas a alargar seu poderio econômico e

militar frente à Rússia, através das "sombras" das ex-Repúblicas Soviéticas, como já acontece com a Polônia, Estônia, Lituânia e Letônia.

Figura 2: Mapa da Ucrânia sendo dividida pelo Rio de Dnieper.

Fonte: Disponível em: < http://curiosidadescartograficas.com> Acesso em: 1 de agosto de 2022.

Por isso, a geografia política unidimensional do Estado e sua geopolítica, advogar que,

> [...] não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias, e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional. Se o Estado era a concretização do futuro da nação, era também uma condição necessária para haver uma nação proclamada – em voz alta, confiante e de modo eficaz – um destino compartilhado. A regra cuius regio, eius natio (quem governa decide a nacionalidade) é de mão dupla. (BAUMAN, 2005, p. 25)

A identidade nacional tem como objetivo o direito "monopolista de traçar a fronteira entre o nós e o eles" e, na carência desse monopólio, os estados sempre tentaram a inconteste posição de "supremas cortes" com vistas a passar sentenças "vinculantes e sem apelação sobre as reivindicações de identidades litigantes" (IDEM, p.25). A referida identidade só toleraria outras identidades, se as mesmas não colidissem com a "irrestrita prioridade da lealdade nacional". Pertencer como indivíduo a um Estado era o único papel aceito pelas autoridades para ser confirmado nas carteiras de identidade e nos passaportes. Outros papéis identitários "menores" eram cooptados a "buscar o endosso-seguido-

de-proteção dos órgãos autorizados pelo Estado", confirmando indiretamente a supremacia da identidade nacional, pois a ele cabia emitir decretos, diplomas e certificados "endossados pelo Estado imperial ou republicano" (IDEM, p.26). Assim, evidencia-se que limites e fronteiras estatais, são questões, acima de tudo, de estratégias de cunho geográfico/cultural "ardilosamente" tramadas pelos poderes estabelecidos nos mesmos, em que "os nós e os eles" nacionais (nações) podem estar superpostos ou não, de acordo com seus graus de adesão e "identidade", com o território usado em suas múltiplas facetas, tendo o escopo econômico/político/jurídico um papel singular sob o jugo do Estado-Nação. Daí Z. Bauman (2012, p. 78), ressalvar, que:

> Essa área (Estado Nacional) é um território de intenso intercâmbio – solo fértil para a tolerância e até para a compreensão mútua, mas também local de brigas e disputas eternas, terreno fecundo também para mágoas e xenofobia tribal. A condição cultural do tipo de zona de fronteira é notória por ser fraturada por tendências opostas e hostis, ainda mais difíceis de conciliar pelo fato de surgirem da mesma condição. (Z. BAUMAN, 2012, p. 78)

Ao levarmos em conta a miscelânea cultural/econômica estratégica, já referida ao longo do texto, da formação territorial Russa e Ucraniana, vem a calhar a assertiva Baumaniana de que condição de zona de fronteira, como a Rússia advoga para a Ucrânia, se evidencia por "ser fraturada por tendências opostas e hostis, ainda mais difíceis de conciliar pelo fato de surgirem da mesma condição"

Ainda polemizando o conflito atual Russo/Ucraniano, geopolítico, geoestratégico, bem como geocultural, cabe aludirmo, reforçando o já mencionado anteriormente, a geohistoricidade da formatação identitária dos países em guerra aludidos. No século 17 eclodiu uma guerra entre "comunidade Polaco-Lituana e a Rússia dos Czares, colocando os territórios a leste do Rio Dnieper, espaço mais conhecido como "margem esquerda" da Ucrânia, sob o jugo da Rússia Imperial (ver **Figura 2** acima). Em 1764, período em que a Rússia foi dominada pela imperatriz Catarina, a Grande, estrategicamente, ela determina a desarticulação do Estado cossaco ucraniano que se estendia sobre os territórios centrais e noroeste (ver mapa na **Figura 3** adiante), bem como passou a dominar terras ucranianas até então geridas pelos poloneses. Mas como sedimentar domínio geopolítico/estratégico, se faz necessária a afirmação e firmação identitária, então, como Z. Bauman (2012) assevera, podemos dizer que a Rússia instrumentalizou, nesse contexto, a estratégia da cultura antropoêmica (dizimando pessoas ou expulsando dos seus territórios) e antropofágica (devorando as tradições nativas e impondo seus valores culturais). Isto porque, posteriormente a supracitada expansão, foi implementada uma política russificação, incluindo a imposição da língua russa e proibindo o uso e o ensino ucraniano, ao mesmo tempo que as populações locais foram instigadas à conversão à fé ortodoxa russa e assim, facilitar a constituição de "pequenas tribos", agora constituintes do grande povo da Rússia. Em contrapartida, nas terras mais ao Oeste houve uma intensificação do nacionalismo

ucraniano, quando esse território saiu do jugo polonês para o Império Austríaco. Ao longo do Século XX acontece a Revolução Bolchevique e o surgimento da União Soviética, evento marcante que redefine o mapa da Ucrânia e, mais ainda, da Rússia.

Vale ressaltar que as escalas demarcadas pelos Estados-Nações no processo de fazimento histórico da modernidade, embasou-se em uma "reengenharia" escalar, monitorada, em grande medida, pelas demandas do capitalismo na cata de sua acumulação ampliada, fato, só possível através de uma lógica territorial desigual e combinada. Portanto, as referidas escalas, assim como as contradições sociais, intra e inter-escalares do Estado Moderno, estão sempre a sofrer constantes mutações. Assim, com o advento do Século 20, eclodiu em 1917 a Revolução Russa, de inspiração marxiana e com a narrativa de tomada das rédeas da organização do Estado pelo proletariado. Esse evento induziu, mais uma vez, a um "rearranjo do quebra-cabeça ucraniano" e de outros territórios Nacionais sob a sua órbita. Daí E. Sábato (1993, pp.62-63) asseverar que:

> No século XX, o mundo está chegando às últimas consequências de uma civilização tecnolátrica. O capitalismo, tende a formar capitais crescentes, isso provoca a concentração industrial, que por sua vez é causa de uma monstruosa expansão das cidades. Os últimos passos – já realizados em vários países – serão a estatização da rede bancária, da indústria, do transporte, das comunicações e da informação. O Estado se terá convertido, finalmente, em um gigantesco patrão que dispõe do total do poder público e de todos os meios de coerção e persuasão. (E. SÁBATO,1993, pp.62-63)

Essa tendência de Estado unidimensional, marcadamente forte e concentrador, com poderes de coerção e persuasão foi um marco, em especial até a primeira metade do século XX, como ressalta C. Raffestin (1993). Assim, o Presidente Russo Vladimir Putin, no dia 21 de fevereiro de 2022 afirmou: "A Ucrânia soviética é resultado da política dos Bolcheviques e pode ser chamada de 'Ucrânia de Vladimir Lenin'". Nesse discurso Putin também aproveitou para anunciar o reconhecimento de independência das Repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, dois territórios rebeldes e pró-Rússia a leste da Ucrânia. Para muitos estudiosos de geopolítica, este discurso é falso, pois a história desses dois países está conectada, como já mencionamos anteriormente. A conexão se torna mais profunda com o advento, sim, da Revolução Russa e com a ascensão ao poder de Vladimir Lenin, o mesmo tende a sedimentar a anexação dos territórios "russificados" da Ucrânia, desde a época dos Czares, não somente pelo idioma, mas, também, pelo cultura religiosa da Igreja Cristã Ortodoxa. Olhando bem a mapa abaixo (**Figura 3**), a Ucrânia seria muito menor e mais Ucraniana, não fosse o peso da dominação geopolítica e histórica da Rússia. Lenin, Stalin e Khrushchev contribuíram muito para esse processo. Em 1922 Lenin "oferece" à Ucrânia toda a área em azul (ver figura do mapa abaixo) contendo não só a cidade "rebelde" de Luhask, mas toda uma extensão territorial que se estende até o porto de Odessa, no Mar Negro, além da atual fronteira com a Romênia. Neste espaço em fazimento

da Ucrânia pela União Soviética, agrega-se todo o território em verde, depois da Segunda Guerra Mundial (conhecida também pelos soviéticos como a grande Guerra Patriótica), quando Stalin [pai da sociedade tecnólotra da URSS] agrega territórios anteriormente dominados pelo Império austro-húngaro e tchecoslovaco, que inclui a cidade de Lviv (conhecida também como Lvov, Lemberg, Lemberik, Ilyvo e Leopolis – fato a indicar que nesse território a Oeste da atual Rússia, muitas culturas se sobrepuseram), acrescendo-se outros territórios anteriormente do império autro-húngaro e tchecoslovaco, conhecida também como Transcarpatia. Na coloração roxa, é o território da Criméia, que foi anexado à Rússia em 1783, um Estado vassalo Otomano. Pertenceu à Rússia até Khrushchev ter transferido seu território para a república soviética ucraniana em 1954. Esse evento marca a celebração do tricentenário (300 anos) da reunificação da Ucrânia com a Rússia (de acordo com o Tratado de Pereyaslav em 1654), expressando a "confiança e amor sem limites que o povo russo sente pelo povo ucraniano" [com o ódio se impondo entre russos e ucranianos no conflito atual, imagina a face que o referido tratado teria: desconfiança e ódio sem limites]. Para muitos, em especial os soviéticos, essa concessão de autonomia, seria um fato natural, considerando a própria posição geográfica da Criméia, dada a proximidade territorial, econômica e cultural [por que não dizer também estratégica], entre a Criméia e a Rússia. Também como hipótese, se especula que a concessão de Khrushchev teve como propósito uma maior russificação da Ucrânia, através do assentamento de uma maior população russa e sua língua, bem como do citado Presidente angariar mais apoio dos líderes "comunistas" ucranianos, na luta pelo poder e liderança "suprema" dentro da URSS (Politburgo). Assim, acresça-se que é da ação dos citados três grandes líderes "comunistas", que se firmou a "grande" Ucrânia, pois é, através do tratado Pereyaslay, em 1654, em que a Rússia deu apoio aos cossacos ucranianos em sua luta pelo jugo da comunidade polonesa/lituana, e desse marco espaço/temporal, se dilata o território, do que hoje é a "nação" Ucraniana (ver a cor laranja escura na figura abaixo). Daí, também, a arrogante premissa da atual Rússia, de que a Ucrânia e toda a sua diversidade histórica/cultural, ser sua cria, mesmo sendo Kiev, edificada muito antes do que a cidade de Moscou.

Retomando uma reflexão do texto contido na BBC News Mundo (2022), cabe ressaltarmos que durante todo o período de influência da dominação da URSS, incluindo a Ucrânia, houve um processo intenso de russificação, incluindo em muitos casos, sacrifícios humanos. Por exemplo: mesmo muitos ucranianos já estarem submetidos ao domínio político Soviético, em 1930 milhares morreram por conta da fome - evento também conhecido por Holodomor – no bojo da política promovida, à força, por Stalin, tendo em vista a sua estratégia de forçar os camponeses da Ucrânia a adotarem a agricultura de fazendas coletivas, já comum na Rússia comunista e chamadas de Kolkhoszs e sovkhozes. O

referido presidente, assim como em outros países sob sua esfera, pós Segunda Guerra, também enviou muitos cidadãos russos, sem o domínio do idioma local, para o território ucraniano, não apenas para a difusão do russo, mas também para tentar repovoar a região Leste. Daí entendermos, no momento desse conflito atual, a tentativa de grupos separatistas pró-Rússia e do governo Putin de que a Ucrânia reconheça as autodeclaradas regiões repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, situadas no Oeste ucraniano e fronteiriças à Rússia. Acresça-se que, sob o jugo Soviético, as decisões militares, econômicas e políticas eram impostas por Moscou, todavia a Ucrânia tinha "certa autonomia" nas áreas da cultura e na educação. Por exemplo, embora a língua russa fosse dominante no período soviético, as crianças aprendiam o ucraniano no ensino primário e muitos livros eram publicados no idioma local. Na segunda metade do século 20, um forte movimento nacionalista despontou dentro da própria URSS, tendo como protagonistas pessoas que foram educadas em ucraniano. Estes eventos provam como é difícil as estratégias "antropoêmicas" e "antropofágicas" de legitimação de identidades como próteses em nações com identidades sólidas, se firmarem sem conflitos, pois limites e fronteiras são marcos sitagmáticos, signos sensíveis e vivíveis em que o nós e os outros, o dentro e o fora, têm que comungarem em um prisma universal, ou seja, numa perspectiva do uno e diverso cultural, sem imposições êmincas ou fágicas demolidoras. Mirando o contexto presente da guerra Russa/Ucraniana, neste mundo da informação instatantânea, pautada nas redes e mídias tecnólatras, em sua maior parte dominada pelo mundo Ocidental (diga-se EUA), temos observado uma propaganda danosa russofóbica, fato a denotar uma crescente disjunção entre o nós, ou o dentro ucraniano e os outros, ou os de fora russo, quando, como relatado ao longo do texto, são povos que tiveram uma formação sócio-territorial e cultural entrecruzadas.

Ainda sobre essa questão das fronteiras entre Ucrânia e Rússia, seguramente pesam fatores geopolíticos e geoestratégicos de monta. Com a dissolução da URSS e a consequente independência dos países contíguos, sob a sua esfera, suscitou, nesse ex-império Soviético, não somente ressentimentos e espírito de derrota, mas, também, temores e receios no que respeita a sua unidade territorial, de uma geografia prenhe de riquezas naturais, dimensão territorial e cultural. Algumas das ex-Repúblicas soviéticas firmaram o tratado intitulado de Organização do Tratado de Segurança Coletiva, englobando a Armênia, Belarus, Cazaquistão, Quirguisttão e Tajiquistão. A Ucrânia, dado a sua feitura histórica e seu território como um quebra-cabeças de culturas, tradições e sobreposições de valores econômicos, identitários e geopolíticos com a Rússia (mais detalhes adiante), fraturou-se, tendo, como já aludido no texto, seu meio Leste, em certa medida, um espírito pró-Rússia, e sua extensa esfera Oeste, um povo afinado a Europa da União Europeia e da OTAN, algo inadmissível

para o Império Nuclear Russo e sua paranoia de mais um país fronteiriço afinar-se à mencionada Organização do Tratado Atlântico Norte e seu escopo militar também nuclearizado.

Neste contexto, é descabida a afirmação do Presidente Russo Putin, de que a Ucrânia é uma criação russa e, portanto, é, ou deveria ser uma possessão do seu país. Neste contexto, o discurso proferido pelo embaixador do Kênia, Martin Kimani, nas Nações Unidas, no dia 24/02/2022, venha a calhar de forma plena. Nas suas lúcidas palavras:

> Hoje, do outro lado da fronteira de cada país africano, vivem nossos compatriotas com quem compartilhamos profundos laços históricos, culturais e linguísticos. Na independência, se tivéssemos escolhido perseguir os Estados com base na homogeneidade étnica, racial ou religiosa, ainda estaríamos travando guerras sangrentas muitas décadas mais tarde...Em vez disso, concordamos que nos contentaríamos com as fronteiras que herdamos, mas ainda assim buscaríamos a integração política, econômica e jurídica continental. Em vez de formar nações que olham para trás na história com uma nostalgia perigosa, escolhemos olhar para a frente, para uma grandeza que nenhuma de nossas muitas nações e povos jamais conhecera.[†]

Enfim, como descreve o texto em que estamos também nos embasando, intitulado "Como nasceu a Ucrânia e quais seus vínculos históricos com a Rússia" (BBC News Mundo, 2022), em 1991, a URSS entrou em total colapso e, a partir de então, é firmado um tratado entre a Rússia e Ucrânia, no qual é estabelecida a integridade das fronteiras da Ucrânia, até então, ex-República Socialista Soviética. Todavia, como, o homem faz história temporalizando os espaços geográficos, ou seja, o território será sempre tempo comprimido, os diversos legados históricos que plasmaram os espaços regionais da Ucrânia, deixaram os mesmos como recortes, ou divisões com profundos abismos espaço/temporais e culturais. Neste contexto e de uma forma mais didática, podemos considerar que as regiões situadas em cada um dos lados recortados pelo rio Dnieper (ver figura de mapa 2 acima) possuem contrastes mais marcantes, em função do domínio russo. Assim, como já descrito, os recortes regionais mais a Oeste, possuem elos mais profundos com Moscou, tendo maior profusão a língua russa e a influência da religião ortodoxa, com o seu patriarca, muito afinado ao establishment do governo russo. Também, como já aludido no texto, na parte Ocidental, dado o largo período secular, sob a influência Ocidental, como a Polônia e o Império Austro-Húngaro.

[†] Ver artigo de Frank Jacobes publicado em 24 de fevereiro de 2022, titulado "**Ukraine: made by Lenin, unmade by Putin?**". Disponível em: <https://bigthink.com/strange-maps/ukraine-lenin-putin/> Acesso em 01 de agosto de 2022.

Figura 3: Representação do território ucraniano sob domínio da URSS.

Fonte: Disponível em: < https://bigthink.com/strange-maps/ukraine-lenin-putin/> Acesso em: 1 de agosto de 2022.

Está afinado à cultura e aos valores europeus ocidentais. Mirando o mapa acima, fica mais do que pertinente as assertivas complementares proferidas acima pelo embaixador do Quênia, quando este afirma: "concordamos que nos contentaríamos com as fronteiras que herdamos, mas ainda assim buscaríamos profundos laços históricos, culturais e jurídicos continental. Em vez de formar nações que olharam para traz na história com uma nostalgia perigosa, escolhemos olhar para a frente, para uma grandeza que nenhuma de nossas muitas nações e povos jamais conhecera" (F. JACOBES, 2022). Não discordamos do referido embaixador, mas cada território nacional está embrenhado de acumulações de tempos históricos e de interesses geopolíticos singulares. Nesses recortes "regionais" as sobreposições históricas são bem evidentes. Como já aludido, porém como subsídio a esse intricado jogo geopolítico, "pequena Ucrânia" data de 1654, quando os cossacos ucranianos demandaram proteção dos russos na cata de proteção e independência da comunidade polonesa-lituana (área em laranja). Em roxo temos a Criméia, outrora "um estado vassalo otomano", um espaço peninsular agregado à Rússia em 1783. Permaneceu como território russo até Khrushchev, na sua corrida pelo Politburgo, cedê-la para a República Soviética ucraniana em 1954. Na região colorida em verde estão territórios anexados à Ucrânia antes e depois da Segunda Guerra Mundial por Stalin (denominada também de Grande Guerra Patriótica na velha URSS). Neste território se fixa a outrora cidade polonesa de Lviv (também chamada de Lvov, Lemberg, Ilyvo, Lvihorod e Leopolis, fato a

denotar, como já ressaltado, muitas sobreposições culturais), espaço antes pertencente ao Império Austro-Húngaro e Tchecoslovaquia, ou Transcarpatia. O território em azul corresponde a um espaço oferecido por Lênin em 1922 à Ucrânia, nele esta contida a cidade rebelde de Luhask, além de um longo trecho terrestre que se estende ao porto de Odessa, no mar negro, alongando-se, inclusive, até a fronteira da Romênia (hoje uma dos territórios mais em litígio no atual conflito). Já a área amarela corresponde ao território resultante do Tratado de Pereyaslav em 1654, quando é comemorado os 300 anos de aniversário da "reunificação da Rússia com a Ucrânia", expressando o amor e a confiança ilimitada do povo russo em relação aos ucranianos. Nesta perspectiva, o espaço anexado resulta "naturalmente" da proximidade territorial, econômica e cultural entre a Criméia e a Ucrânia. (F. JACOBES, 2022)

Figura 4: Áreas sob controle russo na Ucrânia

Fonte: Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60611824 > Acesso em: 3 de maio de 2022.

Como nos ressalta Zigmunt Bauman, dentre alguns dos seus inúmeros trabalhos, no processo civilizatório, em especial o advindo com a ascensão da estrutura social capitalista de produção, não é pertinente se falar em "fim da História", como advogou Fukuiama em uma de suas assertivas, já que esta, sequer começou, ou melhor, é feita e refeita a todo o momento. Nesta perspectiva, podemos contextualizar o conflito, ou guerra, entre a Rússia e a Ucrânia ainda se desenrolando no cenário histórico atual. Como inferimos ao longo do texto, o processo de fazimento Russo/Ucraniano se entrecruzam por muitos séculos, sendo perpassado por interesses econômicos, religiosos/culturais, políticos e geopolíticos, bem visíveis na figura 4. Se o povo Rus, de natureza eslava, fundou Kiev e, posteriormente, Moscou, deixou evidente, até o presente, sua marca na constituição da Ucrânia.

Todavia, se *a posteriori*, o pequeno território dos cossacos ucranianos, demandaram suporte e proteção dos Russos, reforça ainda mais os laços históricos entre o que é hoje os dois países. Ainda mirando na referida figura três, fica patente, numa história mais recente, a ingerência Russa na constituição "final" do mapa ucraniano depois da Revolução Bolchevique, em 1917 e, em especial, depois da Segunda Guerra Mundial, quando a Ucrânia, com as já supracitadas diversidades linguísticas, religiosas e culturais, se torna um "satélite", ou membro das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Lembrando-nos das falas do embaixador do Kênia, Martin Kimani, parece-nos que essa guerra Ruassa/Ucraniana se mira tanto nos seus territórios demarcados no seu passado longínquo quanto recente, quando Putin advoga a feitura ucraniana como, particularmente, um legado Leninista/Stalinista, mas também, a negação da Ucrânia do seu histórico de "afinidade" com a Rússia, em especial se atendo aos seus vínculos e consonâncias com o Ocidente Europeu, mesmo em períodos de subjugação política, como já anteriormente relatado. Para nós, o fulcro do conflito envolve tanto interesses geopolíticos da Rússia, considerando sua forte influência cultural e estratégica no Oeste ucraniano e sua área fronteiriça/separatista pró-Rússia, quanto do Governo de Kiev, na figura do Presidente Zelensk fato, também que, por motivações geopolíticas e culturais, quer se subjugar, ou se aliar (dependendo do ângulo de visão política/ideológica de quem interpreta), aos países da Europa Ocidental, incluindo ex-repúblicas do Império Soviético, que hoje estão atrelados à OTAN, aliados intransigentes do Império Norte Americano. Daí, ao olharmos o mapa acima, vermos as províncias do Oeste ucraniano, com maioria da população pró-Rússia, como Kharkiv, Luhansk, Donetsk, Mariupol e Criméia (essa desde 2014), já sob novamente sob o domínio da Rússia, como defensiva (ou ofensiva, de acordo com o olhar Ocidental), da Rússia.

Todavia, para compreendermos esse espaço tempo eurasiano em ebulição, ou a "eurásia [novamente] como pivô", creio que precisamos demandar algumas assertivas de Mackinder, feitas no início do Século passado. Segundo ele"é o homem, e não a natureza, que inicia, mas é a natureza, em grande medida que controla" (IN ROBERT KAPLAN, pp.64-65). Ainda segundo ele, "cada explosão de forças sociais, em vez de dissipar-se em uma periferia circundante de espaço desconhecido e caos bárbaro, será [daqui por diante] ferozmente ricocheteada dos recônditos do globo, estilhaçando, por conseguinte, os elementos frágeis do organismo político e econômico do mundo" (IDEM, p.65), enfim, como ele mesmo advogou, teremos que lidar com um sistema mundo político fechado de "escopo mundial". Por que mais essa digressão histórica? Tendo o conflito Ucrânia/Rússia em tela, e considerando que "a geografia é o próprio fundamento da estratégia da geopolítica", sendo a estratégia, tal como definida por Napoleão, como a arte de fazer militar e diplomático do tempo e do espaço" (IDEM, p.62), fica notório que o que está em jogo, na guerra em tela, não é somente o refazer

fronteiriço e todo o seu legado de sobreposições culturais/históricas, mas o peso de um escopo político mundial/global forçadamente fechado pela diplomacia norte americana e a OTAN, com sua estratégia militar e diplomática, ou seja, sua geopolítica tendo a geografia desses países como estratégica. Ora, visualizando o mapa abaixo, percebemos que a Europa, quase inteira, depende do gás natural proveniente da Rússia. A Bulgária, por exemplo, é dependente em 85%, o mesmo nível da Eslováquia. A Alemanha, maior potência econômica da Europa, demanda entre 55% a 40% do gás russo (**Figura 5**), enfim, em maior ou menor quantidade, países importantes da Europa Ocidental dependem, para mover suas estratégicas economias, da referida matéria-prima, ou seja, desse controle da natureza pela política Russa. Por parte da Ucrânia, como já foi aludido, não podemos esquecer do seu grande peso na produção de grãos de suas terras férteis (65% do seu território), seu parque energético nuclear e térmico, além do siderúrgico e marítimo. Nesse contexto, não negamos que a invasão da Rússia ao território ucraniano seja uma violação à sua soberania, com toda a tragédia que uma guerra pode provocar, desde as mortes de soldados e inocentes de ambos os lados beligerantes, como também o caos da destruição do território usado e construído. Assim, mais uma vez, nos atinando ao tempo/espaço da história, desses dois países, fica patente que a Rússia, carrega, sim, forte ressentimento e temor pela perda de sua influência sobre a Ucrânia, em especial depois que, em 2014, o líder pró-russo Victor Yanukovych e presidente do referido país, foi deposto após fortes protestos. De imediato, a Rússia retoma a Criméia, de maioria pró-russa (BBC NEWS MUNDO, 2022). Ao mesmo tempo Donetsk e Luhansk, também em 2014 se autoproclamaram repúblicas independentes, território minerador da região de Donbass, na época, parcialmente sob controle de separatistas pró-russos, mas hoje, já dominada pela Rússia, todavia ainda com fortes combates entre ucranianos e russos.‡

‡ Ver matéria do portal G1 disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/22/regioes-separatistas-pro-russia-no-leste-da-ucrania-bloqueiam-google.ghtml> Acesso em 01 de agosto de 2022.

Figura 5: Gasodutos sob domínio do gás Russo.

Fonte: Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60611824 > Acesso em: 3 de maio de 2022.

Enfim, a guerra fratricida segue sem vencedores, muito embora, enquanto Putin**,** com seu perfil "Csarista/Stalinista" e seu establishment de "oligarcas" advoguem avanços e vitórias e, em último caso, até com a ameaça de uso de armas nucleares sobre a Ucrânia, e Zelensky posando com sua formosa mulher para a revista Vogue, em cima de milhares de mortos, moribundos e exilados, coteja e seja cotejado pelos parlamentos Norte Americano e europeus, na cata de dinheiro, muito dinheiro e armas, o "mundo fechado" da política global, teleguiado pelos EUA e OTAN, boicotam, tentando sufocar economicamente a Rússia para que o país cesse a guerra, abrindo caminho para que a Ucrânia, claro, seja mais um membro da citada Organização, nas portas de Moscou. Como contrapartida, a Rússia não apenas ameaçou, como está implementando uma extrema redução na distribuição do seu precioso gás, combustível que move, em grande medida, a economia europeia. Como consequência, os preços energéticos na Europa Ocidental, mesmo ainda no verão, estão em alta e há demasiada apreensão de um iminente período recessivo, já tendo como reflexo uma queda brutal do Euro frente ao Dólar. Enxergamos que esta adesão cega e imediata aos EUA, foi um grande equívoco, fato que nos remonta à disputa que existia, quando da feitura da OTAN (Organização do Atlântico Norte) logo

depois da Segunda Guerra, como forma de defesa à expansão do Império da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), entre os Atlantistas, liderado pela Inglaterra e os europeístas, tendo França e Alemanha como comandantes do velho continente. Agora a guerra ucraniana/russa, vem tornar a Europa ainda mais unida e subjugada aos EUA, pela expansão da OTAN (Suécia e Finlândia que eram neutras se aliaram). Mesmo com todo o peso do boicote econômico/financeiro à Rússia pelo grande bloco de países já mencionados, a Rússia sela um pacto econômico/militar/estratégico com a China e um comércio de carburantes, em especial o petróleo com a Índia. Mais uma vez, contemplando esse novo caos geopolítico, cabe lembrarmos de Mackinder, quando este assevera: o "caos bárbaro, será [daqui por diante] ferozmente ricocheteada dos recônditos do globo, estilhaçando, por conseguinte, os elementos frágeis do organismo político e econômico do mundo".

Nesse redemoinho a Ucrânia, grande celeiro agrícola, em especial de trigo e milho e girassol, assim como a Rússia, procura barganhar vantagens, com as exportações de grãos, depois de negociações monitoradas pela ONU, Rússia e Turquia, buscando resgatar suas receitas monetárias, considerando o ricocheteio de escassez alimentar global, advindo por fatores naturais e pela pandemia da covid-19. Ressalte-se que esses solos férteis ucranianos, chamados de tchernozion, são por demais ricos em matéria orgânica. Pelo exposto, nos indagamos: será que a posse desses trunfos naturais será o caminho para uma diplomacia estratégica suficiente para o retorno da "paz" entre esses dois países beligerantes? Pelo contínuo da guerra, nos parece que não, pois os EUA e a OTAN estão não apenas fornecendo armas mais técnicas/informacionais (inteligentes) e recursos para sistema defensivo ucraniano. Já a Rússia, mesmo não possuindo um arsenal militar de ponta (por exemplo, não possui drones de vanguarda), mas tendo o segundo arsenal nuclear do mundo e números de combatentes, advoga para a persistência do conflito, o expansionismo da OTAN, até as suas fronteiras ao Oeste, continuando sua fúria através da guerra, que o governo advoga como o termo mais apropriado de "operação militar especial no Donbass."[§] Para nós, também, fica evidente que a outrora chamada "Guerra Fria", está cada vez mais quente, pois a OTAN foi criada como defensiva dos países capitalistas europeus, tendo os EUA como lastro, com vistas a domar o expansionismo da URSS. Se a União Soviética dissolveu, seria coerente que a OTAN deixasse de ser um sustentáculo militar, nas dimensões que hoje se estende territorialmente, e ainda busque mais países contíguos, como a Ucrânia. Pior, países como a Alemanha voltou a se militarizar e a se armar, depois da tragédia Nazista e outros, até então neutros, como a Noruega e Finlândia entraram na mesma estratégia, firmando compromissos com a OTAN, sob a alegação de uma provável ingerência militar Russa.

[§] Ver matéria da Folha de São Paulo, disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/ataque-da-russia-a-ucrania-busca-estabelecer-nova-ordem-mundial.shtml> Acesso em: 3 de maio de 2022.

Porém, um dos indícios de que essa guerra, por enquanto sem vencedores, e de futuro nebuloso, é a ingerência de mercenários apátridas, lutando e fomentando não apenas a destruição humana e seu entorno físico, mas suscitando e arrojando o ódio nacionalista, além alimentarem um dos setores mais desumanos e nefastos da "necrogeopolítica" nesses tempos "pós-modernos". Para Bernd Debusmann Jr[**], "empresas buscam ex-soldados para missões na Ucrânia por até R$ 10.000 por dia". Segundo ele, em um site chamado Silent Professionals, direcionado ao recrutamento de militares e de segurança privada, estampava-se: Procura-se: ex-soldados multilíngues dispostos a entrar na Ucrânia por até US$ 2 mil (cerca de R$ 10.000 por dia – mais bônus – para ajudar a resgatar famílias de um conflito cada vez mais sombrio". Aliás, ainda segundo a BBC News, Brasil (15/12/2017), 165 grupos paramilitares atuam nos Estados Unidos. "São centenas de grupos cuja missão, dizem, é evitar uma guerra contra o governo e 'proteger as liberdades civis'". Ironicamente, um bom exemplo, foram os grupos que invadiram o Congresso Norte Americano, buscando tolher as liberdades democráticas, sob o comando da extrema direita liderada pelo Presidente Trump. Já por parte da Rússia, segundo o Pentágono, existe o grupo miliciano Wagner, contando com aproximadamente 1000 pessoas e atuando em ataques aéreos na região de Dombas[††]. Seguramente a ingerência de milicianos no conflito é muito mais presente em ambos os lados, pois a desinformação sobre o tema é gritante, assim como acontece na Síria e outros países em conflitos que envolvem estratégias geopolíticas globais. Sobre esse ponto, é bem pertinente a assertiva de A. Mbembe (2018, p.52-53), quando assevera que o período histórico presente é o da "mobilidade global. Uma de suas características é que as operações militares e o exercício do direito de matar já não constituem o monopólio exclusivo do Estado, e o 'exército regular' já não é o único meio de executar essas funções". Nas suas novas/velhas estratégias, esses dois Estados de Direito, com seus sistemas organizacionais de poder constituintes, agora em GUERRA, ainda como frisa o referido autor,

> [...] manipulam milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores regionais, segurança privada e exércitos de Estado que proclamam o direito de exercer a violência de matar...cada vez mais, a maioria dos exércitos é composta de soldados-cidadãos, crianças-soldados, mercenários e corsários...organizações difusas e polimorfas, as máquinas de guerras se caracterizam por sua capacidade de metamorfose...Sua relação com o espaço é móvel (IDEM, p.53).

No caso da guerra em tela, dada a sua continuidade, parece-nos pertinente destacar que a relação dos exércitos e variados milicianos com o espaço é móvel, no entanto, com o intento de um dos vencedores cerrar o território beligerante nos grilhões dos tradicionais limites/fronteiras nacionais,

[**] Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60677393>
Acesso em: 3 de maio de 2022.
[††] Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/30/russia-ucrania-30-marco-dia-35.htm>
Acesso em: 3 de maio de 2022.

um "sistema de engenharia" geopolítica, moldada como base do mundo Moderno, fruto do acasalamento do "dinheiro e da razão".

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zigmunt. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zigmunt**. Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zigmunt**. Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zigmunt**. Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Europa. Uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

CHAUÍ, Marilena**. Brasil. Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORNELL, Elias. **A Arquitetura da Relação Cidade/Campo**. Brasília: Ed. ALVA Ltda. 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1987.

GEORGE, Pierre**. O Homem na Terra. A Geografia em Ação**. Lisboa: Edições 70, 1993.

KAPLAN, Robert D. **A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KURZ, Robert. **Poder Mundial e Dinheiro Mundial. Crônicas do Capitalismo em Declínio**. Rio De Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAFFESTIN, Claude**. Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

ROSSI, Roberto**. Introdução à Filosofia**. Histórias e Sistemas. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

SÁBATO, Ernesto**. Homens e Engrenagens**. Campinas-SP: Papirus, 1993.

SANTOS, Milton**. Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton**. Metamorfoses do Espaço Habitado. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** São Paulo: Ed HUCITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Ed HUCITEC, 1996.